

Stalking e cyberstalking em estudantes universitários: Uma revisão sistemática

Stalking and cyberstalking in college students: A systematic review

Artigo Original | Original Article

Sara A. Pires PsyM (1a), Ana Isabel Sani PhD (1b), Cristina Soeiro PhD (2c)

- (1) Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.
(2) Instituto Superior de Ciências da Saúde de Egas Moniz, Almada, Portugal.
(a) Revisão da literatura; Tratamento e discussão dos dados; Redação do manuscrito.
(b) Tratamento e discussão dos dados; Redação e revisões do manuscrito.
(c) Tratamento e discussão dos dados.

Autor para correspondência | Corresponding author: Ana Isabel Sani; Universidade Fernando Pessoa, Praça 9 de abril, 349 - 4249-004, Porto, Portugal; anasani@ufp.edu.pt

RESUMO

Palavras-Chave

Cyberstalking
Estudantes universitários
Stalking
Vitimação

Objetivo: Este artigo tem como objetivo contribuir para o conhecimento dos fenómenos de *stalking* e *cyberstalking* através da identificação e análise dos estudos empíricos referentes à ocorrência daqueles fenómenos em estudantes universitários.

Métodos: Para tal adotámos os procedimentos para a realização de uma revisão sistemática sobre a investigação realizada sobre a ocorrência do *stalking* e do *cyberstalking* em estudantes do ensino universitário.

Resultados: Os resultados mostraram que predominam os estudos quantitativos de natureza transversal, recorrendo a *designs* exploratórios, descritivos e correlacionais, centrados na vítima. Os instrumentos mais utilizados para avaliar ambos os fenómenos foram diversos, porém todos os estudos recorreram a inventários de autorrelato. Em relação à prevalência dos fenómenos, os valores obtidos nos estudos foram muito diferentes (e.g., de 12% a 96% ao longo da vida). Em ambos os fenómenos, as dinâmicas e os comportamentos revelaram que as vítimas eram maioritariamente do sexo feminino, os ofensores pertenciam maioritariamente ao sexo masculino, decorrendo comumente o fenómeno de uma relação de intimidade ou por pessoas conhecidas (e.g., colega, familiar, vizinho). As áreas mais afetadas, no *stalking* e no *cyberstalking*, foram a saúde psicológica e física, com consequências nos estilos de vida e economia dos estudantes universitários. Quanto às respostas à vitimação, as fontes de apoio informal foram as mais ativadas pelas vítimas.

Conclusões: Em relação aos fenómenos do *stalking* ou *cyberstalking* em estudantes universitários, concluímos que predominam os estudos de prevalência, de natureza transversal e fazendo uso de diferentes tipos de instrumentos. Consideramos que a investigação pode abranger outras amostras, estudos de continuidade, beneficiando com uniformização na escolha de instrumentos para a recolha de dados e no estudo da coocorrência dos fenómenos.

ABSTRACT

Keywords

Cyberstalking
College students
Stalking
Victimization

Objectives: This article aims to contribute to the knowledge of the phenomena of stalking and cyberstalking through the identification and analysis of the empirical studies concerning the occurrence of phenomena in university students.

Methods: We adopted the procedures for a systematic review of the research carried out on the occurrence of stalking and cyberstalking in university students.

Results: The results showed the predominance of cross-sectional studies and using exploratory, correlational and descriptive designs focused on the victim. The most common instruments used in order to evaluate both phenomena are diverse, but all studies used self-reporting inventories. The prevalence of stalking and cyberstalking reported was very different (e.g., 12% e 96% throughout life). Further analysing of stalking and cyberstalking and the respective human dynamics and behaviour, indicate that the common victims were identified as female gender. The offenders were mostly characterized as males, and these phenomena commonly derive from an intimate relationship or interaction with other individuals on a daily basis (e.g., class colleague, family member or neighbour). The occurrence of stalking and cyberstalking affect mostly psychological and physical health and also consequences to the students' lifestyle and economic state. As for the answers of victimization, the most recurrent sources of support were of the informal type.

Conclusions: Relatively to stalking or cyberstalking phenomena in college students, we conclude that there is a predominance of prevalence and cross-sectional studies, using different types of instruments. We believe that the research may cover other samples, continuity studies, benefiting from a uniform selection of instruments for data collection and the study of the co-occurrence of phenomena.

INTRODUÇÃO

O *stalking* tem sido reconhecido por parte da comunidade científica internacional a partir dos anos 90 do século XX, tendo havido um aumento da investigação sobre o fenómeno instituído nas esferas científicas, legais e sociais (Grangeia & Matos, 2010). Em Portugal, ainda que mais tardiamente, a investigação iniciou-se em 2009, com a realização do inquérito de vitimação por *stalking*, concluindo-se que esta experiência de vitimação refletia as tendências internacionais (Matos, Grangeia, Ferreira, & Azevedo, 2011).

Com a evolução das tecnologias de informação e comunicação (TIC) estreitou-se o contacto entre as pessoas, mas abriu-se espaço também para uma maior probabilidade de ocorrer intrusão. Com as TIC desenvolveu-se uma outra forma de *stalking*, o *ciberstalking* (Spitzberg & Hoobler, 2002), que se caracteriza pela tentativa persistente de uma pessoa, o *ciberstalker*, recorrer à utilização das tecnologias de informação e comunicação para assediá-lo (Reyns, Henson, & Fisher, 2012; Sheridan & Grant, 2007). O *ciberstalking* pode ser entendido como um método de perseguição à vítima, tratando-se assim do mesmo fenómeno (*stalking*), ou pode surgir analisado de forma isolada como um fenómeno em si, com características, impacto distinto na vítima e que requer uma intervenção particular.

Neste trabalho de revisão teórica — pese embora a aceitação de uma ou outra leitura, por uma questão pragmática que se prende com a necessidade de compreendermos o que a literatura refere sobre o *stalking* e o *ciberstalking* — iremos fazer uma apresentação destes fenómenos como realidades independentes (cf. Sani, Carrasquinho, & Soeiro, 2018). Optámos ainda pela designação não traduzida de *stalking* e *ciberstalking*, atendendo ao uso internacional dos termos.

O presente artigo é composto duas partes. Inicialmente será realizada uma breve abordagem teórica sobre o *stalking* e *ciberstalking*. A segunda parte tem como principal finalidade identificar e caracterizar os trabalhos científicos que analisem a ocorrência do *stalking* e do *ciberstalking* em estudantes do ensino universitário de forma a sistematizar os principais resultados obtidos.

Conceptualização de *stalking*

O *stalking* é considerado como uma forma de violência interpessoal e é descrito como um conjunto de comportamentos de assédio persistente, no qual o(a) *stalker* estabelece diversos modos de vigilância, comunicação, monitorização e contactos não desejados com outra pessoa, sendo estas condutas percebidas de

uma forma ameaçadora e capazes de comprometer a qualidade de vida da vítima (Grangeia & Matos, 2010; Mullen, Pathé, & Purcell, 2001; Spitzberg, 2016). Nas muitas definições de *stalking*, o medo surge como um elemento crucial, muito embora controverso, dada a dificuldade na sua operacionalização (Owens, 2016).

Segundo Sheridan, Blaauw e Davies (2003), aquelas condutas podem consistir em ações rotineiras e inofensivas (e.g., oferecer presentes, realizar chamadas telefónicas, enviar mensagens escritas) ou em ações intimidatórias (e.g., perseguir, enviar mensagens ameaçadoras), tendo um impacto negativo na vida quotidiana da vítima. O conjunto de comportamentos de *stalking* tende a escalar em frequência e agressividade, podendo associar-se a outras formas de violência, sobretudo ameaças e agressões psicológicas, físicas e sexuais (Alexy, Burgess, Baker, & Smoyak, 2005; Cupach & Spitzberg, 2004).

O *stalking* é perpetrado por alguém que possui uma obsessão pela vítima, com a qual insiste em encetar e /ou manter uma relação com propósitos específicos. Com base na suposta motivação do *stalker* e considerando também a natureza da relação entre este e a vítima, Mullen, Pathé, Purcell e Stuart (1999) apresentaram cinco tipologias de *stalkers*. O *stalker* rejeitado ocorre no âmbito de uma relação de intimidade, tendo como objetivo vingar-se ou reconciliar-se com a vítima. O *stalker* ressentido considera que foi prejudicado ou injustiçado por alguém, pelo que age com o objetivo de lhe retribuir o dano que sente, ameaçando e causando medo. O *stalker* em busca de intimidade (*intimacy seeker*) procura estabelecer uma relação de intimidade, cujas características fantasiaram ou idealizaram na vítima. O *stalker* incompetente (*incompetent suitor*) tem como finalidade iniciar uma relação por se sentir atraído fisicamente ou amorosamente pelo alvo. Por fim, o *stalker* predador que procura recolher informações sobre a vítima para, posteriormente, a agredir de forma sexual.

Os comportamentos de *stalking* têm uma progressão em intensidade e frequência. Spitzberg e Cupach (2007) identificaram oito estratégias utilizadas pelos(as) agressores(as) para assediá-lo: hiperintimidade; contactos mediados; contactos de interação; vigilância; invasão; assédio e intimidação; coerção e ameaça; e agressão. Os comportamentos de hiperintimidade configuram um conjunto de expressões excessivas ou inapropriadas (e.g., oferecer presentes) para com a vítima. Os contactos mediados constituem formas de comunicação através da utilização das TIC (e.g., correio eletrónico, telemóvel). Os contactos de interação compreendem o contacto direto (e.g., aproximação física, aparecer nos locais que a vítima costuma frequentar) ou indireto (e.g., abordar pessoas

conhecidas da vítima). As estratégias de vigilância envolvem a monitorização e a tentativa de obter informações sobre a vítima. Já a invasão refere-se à intrusão e violação da privacidade do alvo (e.g., invasão de propriedade, roubo). O assédio e a intimidação dizem respeito a um conjunto de ameaças verbais ou não verbais que têm como objetivo incomodar a vítima (e.g., espalhar rumores). A coerção e a ameaça consistem em comportamentos que têm como finalidade causar danos à vítima (e.g., ameaças à vida da vítima ou a terceiros). Por fim, a agressão envolve ações intencionais que causam danos na vítima ou terceiros (e.g., violência física, sexual).

Qualquer pessoa pode ser vítima de *stalking* ao longo da sua vida, independentemente do sexo, idade, etnia, orientação sexual ou classe social. Pathé, Mullen e Purcell (2001) tipificaram as vítimas de *stalking*, considerando o contexto da ocorrência, a relação com a vítima e o(a) *stalker*. As vítimas de ex-parceiros são perseguidas e assediadas pelo seu antigo parceiro íntimo, sendo maioritariamente pertencentes ao sexo feminino. Nas vítimas por conhecidos ou amigos, a vitimação ocorre geralmente após um encontro casual, no qual o(a) *stalker* procura estabelecer uma relação de intimidade com o alvo. A vitimação no contexto de uma relação profissional de apoio é característica de determinadas profissões baseadas em relações de proximidade (e.g., professores, profissionais de saúde, advogados). As vítimas em contexto laboral são aquelas cujo o(a) *stalker* (e.g., empregados, clientes) tem como principal finalidade estabelecer uma relação íntima ou ter sentimentos de retaliação e/ou vingança para com o alvo. As vítimas por desconhecidos são aquelas que tendem a perceber com maior apreensão e medo o *stalking*. As vítimas célebres são aquelas cujo *stalker* tem como principais motivações estabelecer uma relação de intimidade, obter favores ou vingar-se. Por fim, as falsas vítimas, casos raros, são pessoas que revelam perturbações mentais ou alegam conscientemente que são vítimas para obter alguma recompensa (e.g., monetária).

As respostas para lidar ou cessar os comportamentos de *stalking* podem ser diversas e dependem muito do reconhecimento que a vítima possa ou não fazer do problema, atendendo ao tipo de assédio que experiencia (Spitzberg, 2016; Worsley, Wheatcroft, Short, & Corcoran, 2017). Spitzberg e Cupach (2007) agruparam as estratégias de *coping* mais utilizadas pelas vítimas de *stalking* em cinco grupos: negociar com o perpetrador, confrontar o(a) *stalker*, evitar e afastar o(a) *stalker*, minimizar ou negar o problema e solicitar o apoio de terceiros. Para além destas estratégias de atuação, apresenta-se como importante a intervenção do sistema

jurídico-legal, devido à proteção da integridade física e psicológica da vítima, bem como para a repressão deste fenómeno. A atuação legal face ao *stalking* teve início nos Estados Unidos da América (EUA), na década de 90, influenciando a Austrália e o Canadá (Cupach & Spitzberg, 2014). No contexto europeu, a criminalização do *stalking* vigora em países, como Reino Unido, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Alemanha, Irlanda, Itália, Malta, Holanda (Cupach & Spitzberg, 2014), incluindo Portugal.

A criminalização do *stalking* em Portugal surge no ano de 2015 como consequência da ratificação da Convenção de Istambul (Ferreira, Matos, & Antunes, 2017). Deste modo, foi introduzido um aditamento ao Código Penal Português com vista à criação do novo tipo legal de crime de “Perseguição” (artigo 154-A), abrangendo também o fenómeno de *ciberstalking*, de natureza semipública, com uma moldura penal de um a três anos de prisão, tendo este sido integrado no elenco dos crimes contra a liberdade pessoal (Lei n.º 83/2015).

Conceptualização de *ciberstalking*

Nas últimas décadas, verificou-se um crescimento das TIC, que vieram alterar a vida quotidiana das pessoas, com impactos e consequências, aos níveis pessoal e relacional (Cardoso & Lapa, 2015; White & Carmody, 2016; Wright, 2018; Worsley et al., 2017). Spitzberg e Hoobler (2002) referem que evolução da tecnologia favoreceu o contacto entre pessoas e, em consequência, uma maior probabilidade de ocorrer intrusão, devido ao anonimato, à facilidade de utilização, à maior rapidez permitida pela internet e à perceção de haver uma menor aplicação da legislação (Bocij & McFarlane, 2003). Assim, desenvolveu-se um fenómeno análogo ao *stalking*: o *ciberstalking* (Spitzberg & Hoobler, 2002).

O *ciberstalking* constitui uma nova forma de comportamento desviante (Bocij & McFarlane, 2003), definido como “o uso da Internet, correio eletrónico ou outro dispositivo eletrónico de comunicação para assediar outra pessoa” (US Attorney General, 1999, p. 1). Uma outra definição caracteriza o *ciberstalking* como o conjunto de condutas persistentes e não desejadas, no qual um indivíduo, grupo de indivíduos ou organização recorre às tecnologias de informação e comunicação, tendo como finalidade assediar, intimidar ou ameaçar um indivíduo, grupo de indivíduos ou organização (Bocij, 2004; Reyns et al., 2012; Sheridan & Grant, 2007).

Os comportamentos associados ao *ciberstalking* são praticados pela internet ou dispositivos com ligação à internet, principalmente através do computador pessoal, telemóveis, *Personal Data Assistants* (PDA), *Global Positioning System* (GPS), recorrendo também ao correio

eletrônico, salas de *chat*, mensagens instantâneas, redes sociais, *blogs* ou *sites* (Finn, 2004; Reyns et al., 2012).

Estes comportamentos de *ciberstalking* podem ser exercidos de forma direta e indireta. Os comportamentos praticados de forma direta incluem o envio repetido de *e-mails*, mensagens instantâneas e/ou de texto de cariz pornográfico, intimidatório ou ameaças de violência física, psicológica e/ou emocional, colocação de informações *online* sobre a vítima de teor difamatório, envio de vírus para o computador da vítima com a finalidade de danificar o seu respetivo sistema operativo e a solicitação de serviços ou produtos em nome da vítima (Finn, 2004; Spitzberg & Hoobler, 2002). Os comportamentos efetuados de modo indireto compreendem a pesquisa de informações pessoais da vítima com o objetivo posterior de a ameaçar ou assediar, assumir ou criar uma identidade fraudulenta, monitorizar as atividades eletrônicas e do computador pessoal da vítima, incentivar outras pessoas a assediar ou perseguir de forma persistente a vítima, sendo esta forma de *ciberstalking* designada *stalking* por procuração (Spitzberg & Hoobler, 2002).

No que diz respeito à caracterização dos(as) perpetradores(as) de *ciberstalking* existem duas perspetivas. A primeira perspetiva pertence a Bocij e McFarlane (2003) e a segunda é atribuída a Sheridan e Grant (2007). Assim, Bocij e McFarlane (2003) sugerem quatro tipologias de *ciberstalker*: o vingativo (*vindictive*), o calmo (*composed*), o íntimo (*intimate*) e o coletivo (*collective*). O *ciberstalker* vingativo é caracterizado por comunicar de forma ameaçadora e agressiva, podendo transportar o seu assédio para o mundo real. O *ciberstalker* calmo atua exclusivamente através da utilização das TIC, tendo como objetivo incomodar e irritar o alvo. O *ciberstalker* íntimo tem como finalidade estabelecer uma relação íntima com a vítima, podendo dividir-se em dois subgrupos, nomeadamente o ex-íntimo, procurando restabelecer a sua relação com a vítima e o apaixonado que tem como finalidade iniciar uma relação íntima. O *ciberstalker* coletivo constitui um grupo ou organização, tendo como objetivo perseguir e assediar a vítima. Por último, Sheridan e Grant (2007) apontam quatro tipos de *ciberstalkers*, designadamente o *ciberstalker* puro (*cyberstalking-only*), atuando exclusivamente no ciberespaço, o *ciberstalker* que atua no ciberespaço e que transfere progressivamente o assédio para o mundo real (*cyberspace-to-realspace*), o *ciberstalker* que pratica os comportamentos de assédio no ciberespaço e no mundo real (*cyberspace-and-realspace*) e o *stalker* puro (*purely offline*) que atua exclusivamente no mundo real, porém este pode recorrer às TIC ao longo do assédio.

Vulnerabilidade dos estudantes universitários ao *stalking* e *ciberstalking*

Os estudantes universitários são considerados a população mais vulnerável à vitimação por *stalking* e *ciberstalking*, apresentando taxas de prevalência superiores à população em geral (Björklund, Häkkänen-Nyholm, Sheridan, & Roberts, 2010; Fisher, Cullen, & Turner, 2002; Pereira, Spitzberg, & Matos, 2016). O *National Violence Against Women Survey*, um representativo estudo nos Estados Unidos com a população em geral, a respeito de experiências de violência, incluindo *stalking*, reportou que 8% das mulheres e 2% dos homens foi perseguido em algum momento de sua vida (Tjaden & Thoennes, 1998). Estudos com a população universitária situam a taxa de prevalência entre os 8-25% no sexo feminino e entre os 2-13,3% no sexo masculino (Matos et al., 2011; Tjaden & Thoennes, 1998). O *stalking* e/ou *ciberstalking* podem desenvolver-se devido ao facto desta população ser constituída maioritariamente por jovens adultos e solteiros (Fisher, 2001; Reyns et al., 2012), com desejos de independência e pelas rotinas previsíveis no campus universitário (Björklund et al., 2010; Fisher, 2001; Fisher et al., 2002).

Atualmente, a generalidade dos estudantes universitários recorre maioritariamente à utilização das TIC com o objetivo de estabelecer relações interpessoais e comunicar com amigos, colegas e professores. As TIC constituem-se, também, como um espaço preferencial no processamento, armazenamento e transmissão de informação, necessários na sua formação académica (Pereira et al., 2016). Kennedy e Taylor (2010) afirmam que 92% dos estudantes universitários utilizam as redes sociais e têm acesso à *internet*.

No contexto nacional, dados estatísticos de 2015 revelam que 70% dos indivíduos, com idade compreendida entre os 16 e os 74 anos, tem acesso à *internet* em casa e 70% dos utilizadores de *internet* usam as redes sociais. Esta utilização é mais frequente por pessoas até aos 44 anos, do sexo masculino e que completaram o ensino secundário ou universitário (Instituto Nacional de Estatística, 2015). Estes dados indicam que a utilização do computador, *internet* e redes sociais foi superior em indivíduos que têm o ensino secundário ou universitário, tornando-os mais vulneráveis a vitimação por *ciberstalking*.

Assim, verificamos que ambos o *stalking* e *ciberstalking* representam uma ameaça para os estudantes do ensino universitário, acarretando sérias e diversas consequências, nomeadamente nas relações interpessoais (Björklund et al., 2010), como também ao nível do seu

sucesso académico, podendo provocar a transferência de universidade ou o desistir do curso frequentado (McNamara & Marsil, 2012).

A presente revisão sistemática da literatura tem como finalidades identificar e caracterizar os trabalhos científicos sobre a ocorrência do *stalking* e do *ciberstalking* em estudantes do ensino universitário de forma a sistematizar os principais resultados obtidos, colocando-se a seguinte questão de investigação: o que é que a literatura informa sobre a ocorrência do *stalking* e *ciberstalking* em estudantes universitários?

MÉTODO

Procedimentos da pesquisa

A pesquisa foi realizada nas seguintes bases de dados: BioMed Central, B-On, Medline (Web of Knowledge), PsycInfo (CSA), PubMed, ScienceDirect e Sage, de acordo com as seguintes palavras-chave: (*Stalking OR Cyberstalking AND College Students*). Posteriormente, recorreu-se ao motor de busca Google Scholar com o objetivo de encontrar outros trabalhos que não constassem nas bases de dados, até por poderem não estar ainda publicados. A pesquisa foi efetuada em março de 2016.

É importante referir que foram utilizadas expressões mais abrangentes, todavia não encontramos mais nenhum resultado quando especificámos a pesquisa, utilizando outras palavras-chave: *Stalking AND (Cyberstalking OR "Online Harassment") AND ("College Students" OR Undergraduate OR "University Students")*.

CrITÉRIOS de inclusão e de exclusão

Para a realização da presente revisão sistemática da literatura foram definidos critérios de inclusão e critérios de exclusão com a finalidade de selecionar os estudos relevantes.

CrITÉRIOS de inclusão: (a) publicações num período de 15 anos (2001-2016); (b) estudos escritos em Inglês, Português e Espanhol; (c) estudos com estudantes universitários, com idades a partir dos 18 anos; (d) estudos com amostras mistas (homens e mulheres); (e) estudos com amostras exclusivas ao sexo feminino; (f) estudos com amostras exclusivas ao sexo masculino; (g) estudos que focavam o *stalking* ou o *ciberstalking* em estudantes universitários; e (h) estudos quantitativos, estudos qualitativos ou estudos mistos.

CrITÉRIOS de exclusão: (a) publicações com data anterior ao ano 2001; (b) estudos que não a língua inglesa, portuguesa ou espanhola; (c) estudos

desenvolvidos que não com estudantes universitários; (d) com sujeitos com idades inferiores aos 18 anos; (e) estudos não exclusivos à ocorrência do *stalking* e *ciberstalking* em estudantes universitários (e.g., *ciberbullying*); (f) estudos que analisavam os fenómenos de *stalking* e/ou *ciberstalking* no âmbito de outras formas de violência nas relações íntimas em estudantes universitários, estes últimos por necessidade de delimitação da pesquisa ao estudo do *stalking* e *ciberstalking*.

Seleção dos artigos

Na pesquisa foram identificados um total de 2578 resultados (368 na B-on, 2 na PubMed, 44 na Sage, 44 na ScienceDirect e 2120 no Google Scholar, nas restantes bases de dados não se obteve nenhum resultado). A seleção dos artigos decorreu em duas etapas (cf. Figura 1), tomando como referência o sistema PRISMA (Moher, Liberati, Tetzlaff, Altman, & The PRISMA Group, 2009)

Primeira etapa. Inicialmente procedeu-se a uma leitura dos títulos e resumos, tendo esta análise atingindo a saturação teórica nas primeiras 30 páginas no motor de busca Google Scholar, do total de 2120 resultados obtidos, sendo incluídos 15 estudos, consoante os critérios de inclusão e exclusão definidos. De seguida, fez-se uma análise dos 458 resultados, conseguidos através das restantes bases de dados (B-on, Pubmed, Sage e ScienceDirect). Desta forma foram excluídas 148 publicações pois não constituíam estudos empíricos ou teóricos (e.g., *websites*). O critério temporal (anterior ao ano de 2001) motivou a exclusão de 68 publicações e o critério do idioma (estudos escritos em inglês, português ou espanhol) justificou a exclusão de oito publicações. Um número significativo de estudos ($n = 120$) não utilizava uma amostra com estudantes universitários (e.g., estudantes do ensino básico).

Foram, ainda, excluídas 79 publicações não exclusivas à ocorrência do *stalking* e/ou *ciberstalking* em estudantes universitários (e.g., *ciberbullying* em estudantes universitários, violência sexual em contexto universitário, utilização das TIC na população universitária) e 11 publicações que analisavam a ocorrência do *stalking* e/ou *ciberstalking* como forma de violência nas relações íntimas em estudantes universitários. Assim, desta primeira etapa foram selecionados 30 artigos para uma análise mais detalhada.

Segunda etapa. A segunda etapa de seleção teve como objetivo a leitura e análise integral dos 30 artigos que foram selecionados na primeira etapa. Deste modo, foram excluídos dez estudos que não utilizavam uma amostra com estudantes universitários, quatro estudos não

RESULTADOS

exclusivos à ocorrência do *stalking* e/ou *ciberstalking* em estudantes universitários, dois trabalhos que analisavam os fenômenos de *stalking* e/ou *ciberstalking* como forma de violência nas relações íntimas em estudantes universitários e quatro artigos que se encontravam repetidos em duas bases de dados. Assim, desta segunda etapa resultaram a inclusão de dez artigos.

No total foram analisados 25 artigos (15 artigos selecionados através do Google Scholar e dez artigos obtidos através das restantes bases de dados).

Por fim, tendo em consideração os critérios de inclusão e exclusão, a seleção dos estudos nas duas etapas foi realizada a partir da leitura e análise de duas investigadoras, sendo que em caso de dúvidas se recorreu a uma terceira investigadora.

Apresentamos os resultados da análise descritiva dos 25 estudos empíricos selecionados, nomeadamente 11 estudos sobre a ocorrência do *stalking* em estudantes universitários e 14 estudos acerca do *ciberstalking* em estudantes universitários, dos quais procedemos à extração dos dados mais relevantes.

Desta forma, foram analisados os dados referentes à data de publicação, o país onde o estudo foi realizado, o seu respetivo *design*, as características das amostras, os instrumentos de avaliação utilizados, indicadores de prevalência, as dinâmicas e comportamentos, o impacto na vítima, as respostas à vitimação e os resultados ou conclusões principais.

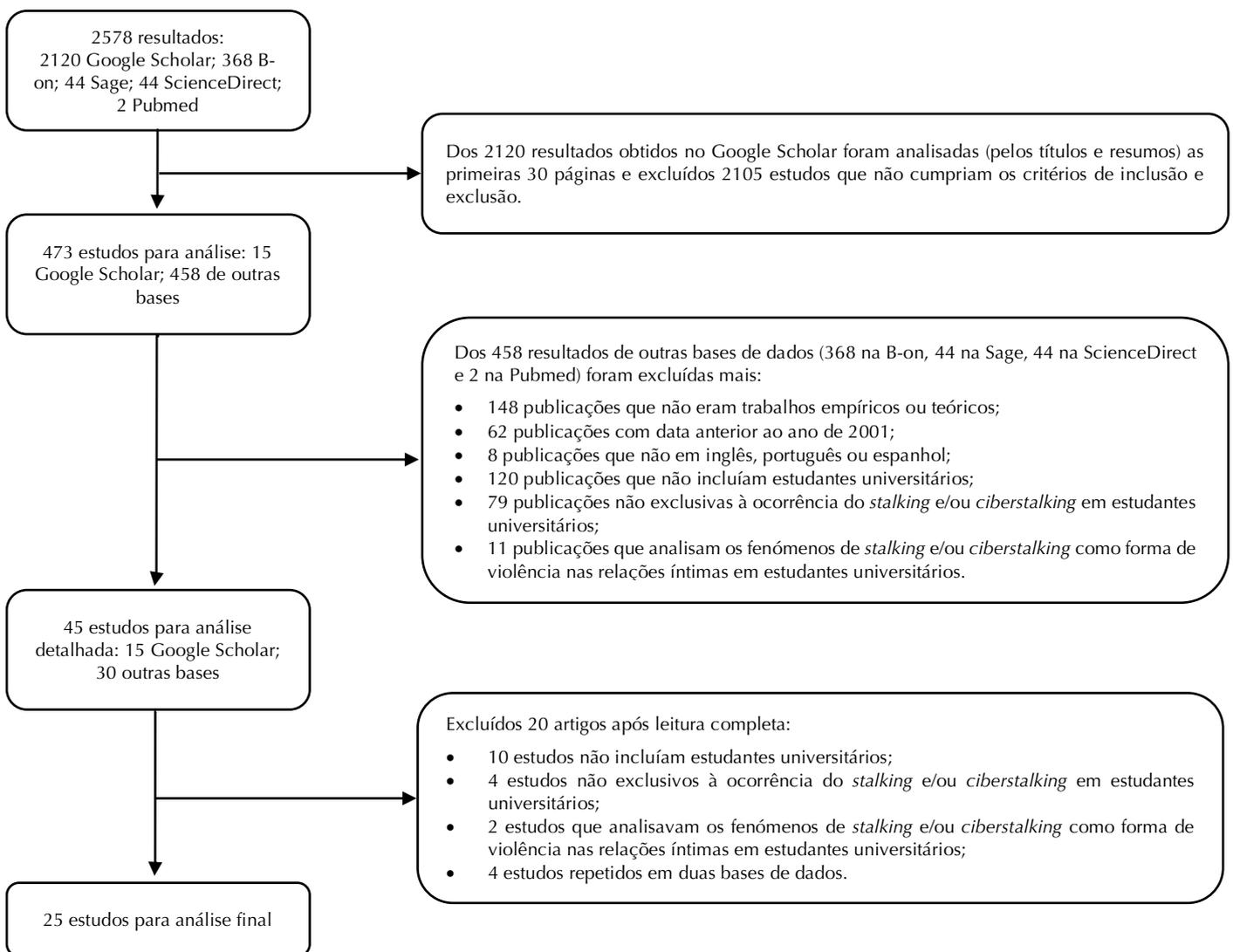


Figura 1. Fluxograma sobre estudos empíricos sobre *stalking* e *ciberstalking* em população universitária.

Aspetos gerais da investigação desenvolvida

Tendo em consideração os objetivos da pesquisa, em relação à data de publicação dos estudos selecionados e à ocorrência do *stalking* em estudantes universitários, foram analisados estudos entre os anos de 2002 e 2015 (Amar, 2006; Björklund et al., 2010; Buhi, Clayton, & Surrency, 2009; Fisher et al., 2002; Geistman, Smith, Lambert, & Cluse-Tolar, 2013; Jaishankar & Kosalai, 2007; Jordan, Wilcox, & Pritchard, 2007; Jutras, Edwards, & Sylaska, 2013; Maran, Zedda, Varetto, & Munari, 2014; McNamara & Marsil, 2012; Pereira, Matos, Sheridan, & Scott, 2015).

No que se refere à data de publicação dos estudos e à ocorrência do *ciberstalking* na população universitária foram analisados estudos entre os anos de 2002 e 2015 (Alexy et al., 2005; Carrasquinho, 2015; Carvalho, 2011; Curtis, 2012; Finn, 2004; Heinrich, 2015; Hensler-McGinnis, 2008; Kennedy & Taylor, 2010; Lindsay & Krysik, 2012; Pullet, Rota & Swan, 2009; Reyns, 2010; Reyns et al., 2012; Spitzberg & Hoobler, 2002; White & Carmody, 2016).

Dos 11 trabalhos de investigação empírica selecionados sobre a ocorrência do *stalking* em estudantes do ensino universitário, sete estudos foram desenvolvidos nos EUA (Amar, 2006; Buhi et al., 2009; Fisher et al., 2002; Geistman et al., 2013; Jordan et al., 2007; Jutras et al., 2013; McNamara & Marsil, 2012), um na Finlândia (Björklund et al., 2010), um na Índia (Jaishankar & Kosalai, 2007), um na Itália (Maran et al., 2014) e um em Portugal (Pereira et al., 2015).

No que concerne à ocorrência do *ciberstalking* em estudantes do ensino universitário, foram analisados 14 trabalhos de investigação empírica, entre estes doze estudos desenvolvidos nos EUA (Alexy et al., 2005; Curtis, 2012; Finn, 2004; Heinrich, 2015; Hensler-McGinnis, 2008; Kennedy & Taylor, 2010; Lindsay & Krysik, 2012; Pullet et al., 2009; Reyns, 2010; Reyns et al., 2012; Spitzberg & Hoobler, 2002; White & Carmody, 2016) e dois em Portugal (Carrasquinho, 2015; Carvalho, 2011).

Dos vinte e cinco trabalhos empíricos sobre a ocorrência do *stalking* e do *ciberstalking* em estudantes universitários, vinte e três estudos eram de natureza quantitativa e dois estudos qualitativos (Pereira et al., 2015; White & Carmody, 2016), tendo como principais finalidades averiguar a prevalência, dinâmicas e comportamentos, impacto na vítima e as respetivas respostas à vitimação.

Os 25 trabalhos quantitativos e qualitativos adotaram um *design* exploratório, descritivo e correlacional.

No que diz respeito aos 11 trabalhos sobre a ocorrência do *stalking* em estudantes universitários, de natureza quantitativa e qualitativa, oito estudos procuraram analisar o fenómeno numa perspetiva ao longo da vida (vitimação passada e atual) (e.g., Amar, 2006; Björklund et al., 2010; Jaishankar & Kosalai, 2007), um trabalho utilizou como período de referência o último

ano (Fisher et al., 2002), um estudo procurou averiguar a vitimação desde a entrada do estudante na universidade (Buhi et al., 2009) e um trabalho utilizou três períodos de referência, designadamente a vitimação ao longo da vida, desde a entrada do estudante na universidade e durante o último ano (Jordan, et al., 2007).

Dos 14 trabalhos acerca da ocorrência do *ciberstalking* em estudantes universitários, de natureza quantitativa e qualitativa, todos estes estudos procuraram analisar o fenómeno numa perspetiva ao longo da vida (vitimação passada e atual).

Relativamente ao contexto de recrutamento, os vinte e três trabalhos quantitativos sobre a ocorrência do *stalking* e do *ciberstalking* em estudantes universitários adotaram um processo de amostra por conveniência (população universitária).

Características das amostras. No que se refere à constituição das amostras dos estudos quantitativos sobre a ocorrência do *stalking* em estudantes universitários, ao nível do sexo, seis trabalhos recorreram a amostras exclusivas de mulheres (Amar, 2006; Buhi et al., 2009; Fisher et al., 2002; Jaishankar & Kosalai, 2007; Jordan et al., 2007; Jutras et al., 2013), quatro apresentaram amostras mistas (Björklund et al., 2010; Geistman et al., 2013; Maran et al., 2014; McNamara & Marsil, 2012) e um estudo, de natureza qualitativa, recorreu a uma amostra exclusiva de homens (Pereira et al., 2015). Em termos de dimensão das amostras, os trabalhos quantitativos variavam entre 142 (Maran et al., 2014) e os 4446 estudantes universitários (Fisher et al., 2002), sendo que no estudo de Pereira et al. (2015), de natureza qualitativa, participaram 91 estudantes. No que diz respeito à inclusão de outras variáveis sociodemográficas (e.g., etnia ou orientação sexual), todos os estudos concluíram que os estudantes eram predominantemente solteiros, de raça caucasiana e habitavam maioritariamente com os pais ou família, não havendo estudos que procurassem comparar diferentes níveis socioeconómicos, orientação sexual, grupos étnicos ou culturais.

Relativamente à constituição das amostras dos trabalhos, de natureza quantitativa e qualitativa, sobre a ocorrência do *ciberstalking* em estudantes universitários, ao nível do sexo, todos os estudos utilizaram amostras mistas (e.g., Carvalho, 2011; Finn, 2004; Kennedy & Taylor, 2010). No que diz respeito à dimensão das amostras, os estudos variavam entre 111 (Carvalho, 2011) e os 1040 estudantes do ensino universitário (Heinrich, 2015), sendo que no estudo de White e Carmody (2016), de natureza qualitativa, participaram 41 estudantes. No que concerne à inclusão de outras variáveis sociodemográficas, similarmente aos estudos que se concentram na ocorrência do *stalking* em contexto universitário, os estudantes eram maioritariamente solteiros, de raça caucasiana e residiam com os seus pais ou família.

Tabela 1

Instrumentos Utilizados pelos Estudos Empíricos Referentes à Ocorrência do Stalking em Estudantes Universitários (n = 11)

Instrumentos utilizados	Autor(es) e (Ano)
<i>Stalking: International Perceptions and Prevalence</i> (Sheridan, Davies, & Boon, 2001)	Björklund et al. (2010) Pereira et al. (2015)
<i>National Violence Against Woman</i>	Amar (2006) McNamara & Marsil (2012)
<i>National College Women Sexual Victimization</i> (Belknap, Fisher, & Cullen, 1999)	Buhi et al. (2009); Jordan et al. (2007)
<i>The Network for Surviving Stalking</i> (Sheridan, 2004)	Jaishankar & Kosalai (2007) Maran et al. (2014)
Os investigadores desenvolveram o seu próprio instrumento	Fisher et al. (2002) Geistman et al. (2013)
<i>Obsessional Relational Intrusion</i> (Spitzberg, Marshal, & Cupach, 2001)	Jutras et al. (2013)

Instrumentos utilizados. Todos os estudos, de natureza quantitativa e qualitativa, relativos à ocorrência do *stalking* em estudantes universitários recorreram a medidas de autorrelato, para aferir a vitimação por *stalking*. Porém, observou-se uma grande variabilidade nos instrumentos utilizados, destacando-se o *National Violence Against Woman*, *Stalking: International Perceptions and Prevalence* (Sheridan, Davies, & Boon, 2001), *National College Women Sexual Victimization* (Belknap, Fisher, & Cullen, 1999), *Obsessional Relational Intrusion* (Spitzberg, Marshal, & Cupach, 2001), *The Network for Surviving Stalking* (Sheridan, 2004) e instrumentos desenvolvidos pelos próprios investigadores (Fisher et al., 2002; Geistman et al., 2013). De acordo à sintomatologia associada à ocorrência do *stalking* em estudantes universitários, o estudo de Amar (2006) procurou avaliar a presença de sintomatologia psicopatológica (*Symptom Checklist 90 – Revised*) (cf. Tabela 1).

Os instrumentos usados nos estudos referentes à ocorrência do *stalking* em população universitária foram administrados via telefone (Fisher et al., 2002; Jordan et al., 2007), pela *internet* (Amar, 2006; Björklund et al., 2010;

Buhi et al., 2009; Geistman et al., 2013; Jaishankar & Kosalai, 2007; Jutras et al., 2013; McNamara & Marsil, 2012) ou pessoalmente (Maran et al., 2014; Pereira et al., 2015), sendo a participação e o preenchimento do instrumento de forma voluntária, garantindo o anonimato estudante.

Todos os estudos, de natureza quantitativa e qualitativa, relativos à ocorrência do *ciberstalking* em estudantes universitários recorreram a medidas de autorrelato, para aferir a vitimação por *ciberstalking*. A maioria dos investigadores desenvolveu o seu próprio questionário (e.g., Alexy et al., 2005; Finn, 2004; White & Carmody, 2016), não disponibilizando o instrumento em anexo no estudo. Porém, destacam-se os seguintes instrumentos: *Cyber Obsessional Pursuit* (Spitzberg & Cupach, 1999), Escala de Avaliação de Cyberstalking (Carvalho & Matos, 2010) e *Obsessive Relational Intrusion-50* (Cupach & Spitzberg, 2004). Para além da utilização dos instrumentos sobre o *ciberstalking*, Carrasquinho (2015) também utilizou a Escala de *Coping* no Stalking com o objetivo de avaliar as estratégias utilizadas pela vítima para lidar com a ameaça resultante do *ciberstalking* (cf. Tabela 2).

Tabela 2

Instrumentos Utilizados pelos Estudos Empíricos Referentes à Ocorrência do Cyberstalking em Estudantes Universitários (n = 14)

Instrumentos utilizados	Autor(es) e (Ano)
Instrumento desenvolvido pelo(s) próprio(s) investigador(es)	Alexy et al. (2005); Finn (2004); Heinrich (2015); Kennedy & Taylor (2010); Lindsay & Krysik (2012); Paulet et al. (2009); Reyns (2010); Reyns et al. (2012); White & Carmody (2016)
<i>Cyber Obsessional Pursuit</i> (Spitzberg & Cupach, 1999)	Hensler-McGinnis (2008) Spitzberg & Hoobler (2002)
Escala de Avaliação de Cyberstalking (Carvalho & Matos, 2010)	Carrasquinho (2015) Carvalho (2011)
<i>Obsessive Relational Intrusion-50</i> (Cupach & Spitzberg, 2004)	Curtis (2012)

Tabela 3

Taxas de Prevalências da Vitimação do Stalking ao Longo da Vida, desde a Entrada do Estudante na Universidade e no Último Ano

Autor(es) e data	Taxa (%) de prevalência do <i>stalking</i> ao longo da vida
Pereira et al. (2015)	96
Jordan et al. (2007)	40,4
Geistman et al. (2013)	35
Jaishankar & Kosalai (2007)	27,8
Maran et al. (2014)	25,3
Amar (2006)	25
Björklund et al. (2010)	22,3
McNamara & Marsil (2012)	12

Autores(es) e data	Taxa (%) de prevalência do <i>stalking</i> desde a entrada do estudante na universidade
Buhi et al. (2009)	19,9
Jordan et al. (2007)	18

Autor(es) e data	Taxa (%) de prevalência do <i>stalking</i> no último ano
Fisher et al. (2002)	15
Jordan et al. (2007)	11,3

Os instrumentos utilizados nos trabalhos relativos à ocorrência do *ciberstalking* em estudantes universitários foram administrados pela *internet* (Alexy et al., 2005; Carrasquinho, 2015; Curtis, 2012; Heinrich, 2015; Hensler-McGinnis, 2008; Lindsay & Krysik, 2012; Reyns, 2010; Reyns et al., 2012) ou pessoalmente (Carvalho, 2011; Finn, 2004; Kennedy & Taylor, 2010; Poullet et al., 2009; Spitzberg & Hoobler, 2002; White & Carmody, 2016), sendo a participação e o preenchimento do instrumento de forma voluntária, garantindo o anonimato do estudante universitário.

Indicadores de prevalência. A determinação das taxas de prevalência de vitimação dos fenómenos de *stalking* e *ciberstalking* em estudantes universitários assumiu-se como uma das principais finalidades empíricas em dez estudos acerca do *stalking* (Amar, 2006; Björklund et al., 2010; Buhi et al., 2009; Fisher et al., 2002; Geistman et al., 2013; Jaishankar & Kosalai, 2007; Jordan et al., 2007; Maran et al., 2014; McNamara & Marsil, 2012; Pereira et al., 2015) e em sete estudos (Carrasquinho, 2015; Carvalho, 2011; Hensler-McGinnis, 2008; Lindsay & Krysik, 2012; Poullet et al., 2009; Reyns et al., 2012; White & Carmody, 2016) sobre o *ciberstalking*, de acordo com vários períodos de referência de vitimação, designadamente, indicadores de prevalência ao longo da vida do estudante, desde a sua entrada na universidade e desde o último ano.

Relativamente à ocorrência do *stalking* em estudantes universitários, os indicadores de prevalência da vitimação ao longo da vida variaram entre os 12% (McNamara & Marsil, 2012) e os 96% (Pereira et al., 2015). Relativamente ao indicador de prevalência de vitimação desde a entrada do estudante na universidade, este situou-se nos 19,9% (Buhi et al., 2009). Fisher e colaboradores (2002) encontraram uma prevalência de 15% de estudantes vítimas de *stalking* tendo como período de referência o último ano. Por último, Jordan et al. (2007) utilizaram no seu estudo três períodos de referência de vitimação por *stalking*, sendo 40,4% de vitimação por *stalking* ao longo da vida, 18% de vitimação desde a entrada do estudante na universidade e 11,3% de vitimação tendo como período de referência o último ano (cf. Tabela 3).

Os dados de prevalência da ocorrência do *ciberstalking* na população universitária, apenas consideraram o período de referência de vitimação ao longo da vida, situando-se entre os 13% (Poullet et al., 2009) e os 74,8% (Carvalho, 2011) (cf. Tabela 4).

Dinâmicas e comportamentos. Nesta secção são abordados as dinâmicas e os comportamentos de vitimação por *stalking* e posteriormente o *ciberstalking* em população universitária, designadamente: o sexo do(a) (*ciber*)*stalker*, a relação entre o(a) (*ciber*)*stalker* e a vítima, os comportamentos, a frequência e a respetiva duração da vitimação.

Tabela 4

Taxas de Prevalências da Vitimação do Cyberstalking ao Longo da Vida

Autor(es) e data	Taxa (%) de prevalência do <i>cyberstalking</i> ao longo da vida
Carvalho (2011)	74,8
Carrasquinho (2015)	69,1
Hensler-McGinnis (2008)	45,6
Lindsay & Krysik (2012)	43,3
Reyns et al. (2012)	40,8
White & Carmody (2016)	19
Paullet et al. (2009)	13

No que diz respeito à ocorrência do *stalking* em estudantes universitário, quatro estudos revelaram que o(a) *stalker* era maioritariamente do sexo masculino (Björklund et al., 2010; Fisher et al., 2002; Geistman et al., 2013; Maran et al., 2014) e a vítima era maioritariamente do sexo feminino (Björklund et al., 2010; Geistman et al., 2013; Maran et al., 2014; McNamara & Marsil, 2012).

Um número expressivo de estudos ($n = 9$) procurou determinar o tipo de relação existente entre a vítima e o(a)

stalker. Neste sentido, seis estudos concluíram que o(a) *stalker* era alguém conhecido (e.g., amigo, colega, vizinho) (Amar, 2006; Björklund et al., 2010; Buhi et al., 2009; Geistman et al., 2007; Jordan et al., 2007; Jutras et al., 2013), dois estudos referiram que o(a) *stalker* era um(a) parceiro(a) íntimo atual ou anterior (Fisher et al., 2002; Maran et al., 2014) e apenas o estudo de Jaishankar e Kosalai (2007) concluiu que os estudantes foram alvo de *stalking* por um(a) desconhecido(a) (cf. Tabela 5).

Tabela 5

Relação Entre o(a) Stalker e a Vítima

Relação entre o(a) <i>stalker</i> e a vítima	% da incidência	Autor(es) e data
Conhecido(a)	55	Björklund et al. (2010)
	48,7	Buhi et al. (2009)
	43,6	Jordan et al. (2013)
	43,2	Jutras et al. (2013)
	42	Geistman et al. (2013)
Parceiro(a) íntimo(a) atual ou anterior	39	Amar (2006)
	42,9	Fisher et al. (2002)
	41,7	Maran et al. (2014)
Desconhecido	68,7	Jaishankar & Kosalai (2007)

Relativamente aos comportamentos perpetrados pelo(a) *stalker*, os estudos ($n = 9$) destacaram as tentativas de contactos (e.g., chamadas telefónicas, mensagens, correio eletrónico) não desejados (Amar, 2006; Björklund

et al., 2010; Fisher et al., 2002; Jordan et al., 2007; Maran et al., 2014; McNamara & Marsil, 2012) e perseguição (Buhi et al., 2009; Geistman et al., 2013; Jaishankar & Kosalai, 2007) (cf. Tabela 6).

Tabela 6

Comportamentos Perpetrados pelo(a) Stalker

Comportamentos perpetrados pelo(a) <i>stalker</i>	% da incidência	Autor(es) e data
Tentativas de contactos não desejados	77,7	Fisher et al. (2002)
	72,2	Maran et al. (2014)
	72	Amar (2006)
	56,4	Björklund et al. (2010)
	49,7	Jordan et al. (2007)
	24,2	McNamara & Marsil (2012)
Perseguição	64,9	Buhi et al. (2009)
	55,3	Jaishankar & Kosalai (2007)
	53	Geistman et al. (2013)

De acordo com a frequência e a duração da ocorrência dos comportamentos de *stalking*, três estudos referiram que este fenómeno ocorria diariamente ou semanalmente (Fisher et al., 2002; Geistman et al., 2013; Jaishankar & Kosalai, 2007) e quatro estudos concluíram que o *stalking* teve uma duração média de várias semanas a um ano (Björklund et al., 2010; Fisher et al., 2002; Jutras et al., 2013; Maran et al., 2014).

Relativamente à ocorrência do *ciberstalking* na população universitária, três estudos referiram que o(a) *ciberstalker* era do sexo masculino (Curtis, 2012; Heinrich, 2015; Hensler-McGinnis, 2008) e cinco estudos concluíram que a vítima era maioritariamente do sexo

feminino (Curtis, 2012; Poullet et al., 2009; Reyns, 2010; Reyns et al., 2012; White & Carmody, 2016).

Um número expressivo de estudos (n = 8) procurou determinar o tipo de relação existente entre a vítima e(o) *ciberstalker*. Assim, cinco estudos concluíram que o(a) *ciberstalker* era alguém conhecido (e.g., amigo, colega, familiar) (Alexy et al., 2005; Hensler-McGinnis, 2008; Lindsay & Krysik, 2012; Poullet et al., 2009; Reyns et al., 2012), dois estudos referiram que o(a) *ciberstalker* era um(a) parceiro(a) íntimo atual ou anterior (Curtis, 2012; Heinrich, 2015) e um estudo mencionou que os estudantes foram alvo de *ciberstalking* por parte de um(a) desconhecido(a) (Finn, 2004) (cf. Tabela 7).

Tabela 7

Relação Entre o(a) Ciberstalker e a Vítima

Relação entre o(a) <i>ciberstalker</i> e a vítima	% da incidência	Autor(es) e data
Conhecido(a)	50	Poullet et al. (2009)
	42,5	Hensler-McGinnis (2008)
	25,4	Reyns et al. (2012)
	24,9	Lindsay & Krysik (2012)
	—	Alexy et al. (2005)
Parceiro(a) íntimo(a) atual ou anterior	48	Curtis (2012)
	45,4	Heinrich (2015)
Desconhecido(a)	—	Finn (2004)

Nota. — = O estudo não refere os valores da percentagem da incidência.

No que concerne aos comportamentos efetuados pelo(a) *ciberstalker*, quatro estudos destacaram os comportamentos de hiperintimidade (e.g., envio de mensagens exageradas de afeto, envio de mensagens excessivamente carentes ou exigentes, envio de objetos de afeto) (Carrasquinho, 2015; Carvalho, 2011; Reyns, 2010; Spitzberg & Hoobler, 2002), dois estudos referiram

que os comportamentos mais frequentes foram as tentativas de contacto não desejadas (Alexy et al., 2005; Poullet et al., 2009) e um estudo concluiu que os comportamentos mais indicados pelas vítimas foram as constantes monitorização, marcação ou envio de presentes para a rede social (Hensler-McGinnis, 2008) (cf. Tabela 8).

Tabela 8

Comportamentos perpetrados pelo(a) ciberstalker

Comportamentos perpetrados pelo(a) <i>ciberstalker</i>	% da incidência	Autor(es) e data
Comportamentos de hiperintimidade	52,2	Carvalho (2011)
	47,8	Carrasquinho (2015)
	31	Spitzberg & Hoobler (2002)
	23,3	Reyns (2010)
Tentativas de contactos não desejados	—	Alexy et al. (2005)
	—	Poullet et al. (2009)
Constantemente a monitorizar, marcar ou enviar presentes para as redes sociais	76	Hensler-McGinnis (2008)

Nota. — = O estudo não refere os valores da percentagem da incidência.

De acordo com a frequência e a duração da ocorrência dos comportamentos de *ciberstalking*, apenas o estudo de Curtis (2012) referiu que este fenómeno teve uma duração média de 215 dias.

Impacto na vítima. Os seis estudos que abordaram o impacto da ocorrência do *stalking* nas vítimas referiram que as áreas afetadas foram a saúde psicológica (e.g., medo, humor deprimido, ansiedade, raiva) (Amar, 2006; Fisher et al., 2002; Geistman et al., 2013; Jaishankar & Kosalai, 2007; Jordan et al., 2007; Maran et al., 2014). Para além da saúde psicológica, dois estudos nomearam consequências ao nível da saúde física (e.g., perturbações no sono, dores de cabeça, fraqueza muscular) (Jaishankar & Kosalai, 2007; Maran et al., 2014) e dois estudos também destacaram consequências nos estilos de vida e economia da vítima (e.g., mudança de identidade, perda de amigos, isolamento social) (Jaishankar & Kosalai, 2007; Maran et al., 2014).

Relativamente ao impacto da ocorrência do *ciberstalking* nos estudantes universitários, as áreas mais afetadas foram: foram: a económica (e.g., alteração do número de telemóvel ou residência, investimento em *softwares* de proteção das tecnologias), a social (e.g., isolamento social), a do desempenho profissional/académico (e.g., faltar ao emprego ou aulas, mudança ou ser despedido do emprego, desistir do curso universitário) (Hensler-McGinnis, 2008; Spitzberg & Hoobler, 2002) e a da saúde psicológica da vítima (e.g., sentir a sua segurança ameaçada, raiva, ansiedade, medo) (Curtis, 2012; Poullet et al., 2009). Poullet e colaboradores (2009) destacaram ainda a saúde física (e.g., perturbações no sono, cansaço, dores de cabeça) como uma das principais áreas afetadas.

Respostas à vitimação. Dos 11 estudos sobre a ocorrência do *stalking* em estudantes universitários, de natureza quantitativa e qualitativa, seis avaliaram as respostas à vitimação. As fontes de apoio informal (i.e., familiares e amigos) foram as mais ativadas pelas vítimas (Amar, 2006; Buhi et al., 2009; Geistman et al., 2013; Jaishankar & Kosalai, 2007; Jutras et al., 2013; Maran et al., 2014). Por outro lado, seis estudos referiram que as vítimas não reportavam estes comportamentos às fontes de apoio formal (i.e., forças de segurança, profissionais de saúde) (Buhi et al., 2009; Fisher et al., 2002; Jaishankar & Kosalai, 2007; Jordan et al., 2007; Jutras et al., 2013).

No que diz respeito à ocorrência do *ciberstalking* na população universitária foram identificados oito estudos que avaliaram as respostas à vitimação. Seis estudos referiram que as fontes de apoio informal foram as mais ativadas pelas vítimas (Alexy et al., 2005; Curtis, 2012;

Finn, 2004; Heinrich, 2015; Hensler-McGinnis, 2008; White & Carmody, 2016).

DISCUSSÃO

O conhecimento científico sobre o fenómeno da ocorrência do *stalking* e do *ciberstalking* em estudantes universitários começou a desenvolver-se, sobretudo nos últimos anos, tendência verificada pelo aumento do número de estudos por ano de publicação, sendo da população estudantil que se têm extraído muitas das amostras para as investigações nos temas, por se considerar particularmente vulnerável à vitimação (Björklund et al., 2010; Fisher et al., 2002). Assim, verifica-se que no contexto internacional e nacional, o *stalking* e o *ciberstalking* são cada vez mais reconhecidos socialmente, cientificamente e criminalmente punidos.

É importante referir que, por vezes, os estudos e os investigadores empregam diferentes definições e terminologias. Pereira e investigadores (2015) designam “atenção indesejada” ao fenómeno de *stalking*. No que concerne ao termo *ciberstalking*, verificamos que existem autores que empregam a expressão “assédio online” (Finn, 2004; Kennedy & Taylor, 2010). Neste sentido, verificamos que as terminologias de *stalking* e *ciberstalking* são recentes, sendo que os estudantes podem apresentar dificuldades no seu significado, levando a alguns autores a adotarem termos idênticos ou sinónimos, de modo a não causar dúvidas ou negarem terem sido vítimas destes comportamentos.

Os resultados obtidos permitem-nos compreender e conhecer o panorama dos estudos publicados sobre a ocorrência do *stalking* e do *ciberstalking* em estudantes universitários. No que diz respeito à ocorrência do *stalking* e do *ciberstalking* em estudantes universitários, percebemos que as taxas de prevalência são bastante elevadas em relação à população em geral (Björklund et al., 2010; Fisher et al., 2002; Reyns, 2010), sendo os mais jovens e o sexo feminino os mais visados, logo mais vulneráveis a este tipo de vitimação, enquanto os ofensores são predominantemente do sexo masculino. Este resultado poderá estar associado no contexto relacional, uma vez que os jovens estão expostos a um grande número de potenciais parceiros amorosos, aumentando a probabilidade de algumas relações implicarem o assédio e a perseguição de modo persistente (Grangeia & Matos, 2010), como também o facto desta população mais jovem utilizar com frequência as TIC, tornando-as mais vulneráveis a contactos não desejados (Pereira et al., 2016; White & Carmody, 2016).

No que respeita ao tipo de relação existente entre a vítima e o(a) ofensor(a) na ocorrência dos fenómenos de *stalking* e de *ciberstalking*, o ofensor é maioritariamente conhecido (e.g., amigo, familiar, colega) ou é um parceiro íntimo atual ou anterior da vítima (Alexy et al., 2005; Amar, 2006; Finn, 2004; Fisher et al., 2002), reforçando o contexto relacional do *stalking* e do *ciberstalking*.

No que concerne aos comportamentos mais frequentes de *stalking*, de acordo com a tipologia de Spitzberg e Cupach (2007), foram os contactos mediados e as estratégias de vigilância (e.g., Amar, 2006; Jaishankar & Kosalai, 2007; Maran et al., 2014; McNamara & Marsil, 2012) enquanto os comportamentos mais frequentes de *ciberstalking* foram as tentativas de contacto não desejados, comportamentos de hiperintimidade e constante monitorização, marcação ou envio de presentes para as redes sociais (e.g., Carvalho, 2011; Paullet et al., 2009; Spitzberg & Hoobler, 2002). Estes comportamentos revelam que o *stalker* e *ciberstalker* têm como finalidade estabelecer uma relação íntima para com a vítima. A frequência e a duração deste tipo de comportamentos no *stalking* ocorriam em média semanalmente a mensalmente, tendo uma duração média de várias semanas a um ano, enquanto os comportamentos de *ciberstalking* tiveram uma duração média de 215 dias. Tendo em consideração o contexto relacional de ambos os fenómenos, é possível que o(a) perpetrador(a) conheça as rotinas e o estilo de vida da vítima, tornando a frequência e a duração dos seus comportamentos mais frequentes, tendendo estes a escalar na sua frequência e agressividade.

O impacto do *stalking* e do *ciberstalking* na população universitária tem consequências negativas e, consequentemente nas suas relações interpessoais. As áreas mais afetadas são a saúde psicológica, física, social, economia e ao nível do estilo de vida (e.g., Amar, 2006; Hensler-McGinnis, 2008; Jaishankar & Kosalai, 2007; Spitzberg & Hoobler, 2002; Wright, 2018), representando uma ameaça para os estudantes universitários, podendo a vítima mudar de universidade ou desistir do curso que frequenta.

Por último, as fontes de apoio informal (e.g., amigos, familiares) foram as mais ativadas pelos estudantes universitários (Amar, 2006; Buhi et al., 2009; Geistman et al., 2013), em detrimento das fontes formais. Estes dados permitem-nos compreender que as vítimas recorrem maioritariamente a amigos ou familiares como forma de tentar resolver a vitimação como também poderá ser um

indicador da desvalorização, por parte do estudante, da sua vitimação por *stalking* e/ou *ciberstalking*.

Na presente revisão sistemática da literatura existem um conjunto de contribuições e especificidades nas abordagens científicas sobre a ocorrência do *stalking* e do *ciberstalking* em estudantes universitários.

Desta forma são apresentados os três principais contributos, entre os quais: o crescimento dos estudos publicados, reflexo do reconhecimento por parte da comunidade científica, maioritariamente desenvolvidos nos EUA e na Europa, destacando-se também Portugal com trabalhos realizados (Carrasquinho, 2015; Carvalho, 2011; Pereira et al., 2015, 2016), reconhecendo os estudantes universitários como sendo uma população particularmente vulnerável a este tipo de vitimação. Esta é uma evolução tão rápida e acentuada, emergindo nos últimos dois anos uma série de novas pesquisas (e.g., Grangeia & Matos, 2018; Owens, 2016, Pereira et al., 2016; Spitzberg, 2016) que certamente se incluirão e deverão ser analisadas em estudos de revisão posteriores.

O segundo principal contributo, de acordo com a análise efetuada, o foco empírico é a prevalência da vitimação ao longo da vida (e.g., Amar, 2006; Jaishankar & Kosalai, 2007; White & Carmody, 2016), ou seja, os estudos pretendem avaliar a vitimação passada e atual da ocorrência do *stalking* e do *ciberstalking* em estudantes universitários. Neste sentido, as taxas de prevalência constituem números bastante preocupantes, designadamente 96% de vitimação para a ocorrência do *stalking* em estudantes universitários (Pereira et al., 2015) e 74,8% de vitimação para a ocorrência do *ciberstalking* na população universitária (Carvalho, 2011). Por último, o terceiro contributo prende-se com a variedade das características das amostras utilizadas na ocorrência do *stalking* em estudantes universitários, recorrendo a amostras exclusivas do sexo feminino (e.g., Amar, 2006; Fisher et al., 2002), amostras mistas (e.g., Björklund et al., 2010; Geistman et al., 2013) e amostras exclusivas de homens (Pereira et al., 2015), revelando o interesse em alargar o conhecimento científico, nomeadamente nos indicadores de prevalência, dinâmicas, comportamentos, impacto na vítima e respostas à vitimação neste tipo de população.

No entanto, foram identificadas três principais especificidades. A primeira refere-se ao facto de os estudos transversais serem predominantemente de natureza quantitativa e com um *design* exploratório, correlacional e descritivo. Atendendo às características evolutivas associadas a este tipo de fenómenos, é de

realçar a pertinência científica de estudos que pudessem analisar as dinâmicas e contornos evolutivos do *stalking* e *ciberstalking*. A segunda especificidade prende-se com o tipo de amostragem, ou seja, os estudos publicados sobre os fenómenos utilizam maioritariamente estudantes universitários solteiros, heterossexuais, de raça caucasiana e que estejam a residir com os seus pais ou familiares, havendo apenas um estudo em que 70% da amostra era de origem africana (Amar, 2006). Apesar da maioria da população universitária possuir as características acima referidas, não há estudos que procurassem comparar diferentes níveis socioeconómicos, nacionalidades, orientações sexuais e grupos étnicos ou culturais. A terceira especificidade está relacionada com a variabilidade dos instrumentos utilizados para a avaliação do *stalking* e *ciberstalking* na população universitária, sendo que alguns autores desenvolveram o seu próprio instrumento (e.g., Finn, 2004; Fisher et al., 2002; Heinrich, 2015), não os disponibilizando para que possamos analisar o seu conteúdo, ou adaptaram instrumentos que têm como objetivo avaliar outras formas de vitimação (e.g., violência múltipla, violência sexual) (e.g., Amar, 2006; Buhi et al., 2009; Jordan et al., 2007), podendo ser reflexo da variabilidade das taxas de prevalência do *stalking* e do *ciberstalking* em estudantes universitários. Os instrumentos são de autorrelato, possibilitando a ocorrência de viés amnésicos por parte do estudante, que podem concorrer à subestimativa ou sobreestimativa de ambos os fenómenos.

Considerações finais

De acordo com os contributos e limitações enunciados, é necessário ter em conta que há um conjunto de questões que carecem de estudo para que possam ser objeto de interesse em investigações futuras. Os estudos existentes sobre o *stalking* e o *ciberstalking* utilizam, sobretudo, amostras de conveniência, designadamente de jovens universitários, as quais possuem características muito específicas (e.g., são predominantemente solteiros, heterossexuais, de raça caucasiana e encontram-se a residir com os seus familiares), inclusive, distintas de país para país. A realização de estudos com outras amostras, que comparem diferentes níveis socioeconómicos, nacionalidades, orientações sexuais ou grupos étnicos poderão contribuir para um maior e mais aprofundado conhecimento sobre o *stalking* e *ciberstalking*.

A maioria dos trabalhos disponíveis sobre o *ciberstalking* em estudantes universitários tem como objetivos avaliar a prevalência e os comportamentos deste fenómeno, sendo muito deles estudos transversais, de

carácter exploratório e descritivo. Dado o carácter continuado da perseguição, quer diretamente quer por intermédio das TIC, com implicações diretas no impacto negativo na vítima, seria importante avaliar-se a evolução do *stalking* e/ou *ciberstalking*. Assim, é de reforçar a realização de estudos qualitativos, que possam de avaliar o impacto e as estratégias de *coping* nas vítimas de *ciberstalking*. Paralelamente, os estudos publicados sobre o *stalking* e o *ciberstalking* em estudantes universitários raramente abordam este assunto do ponto de vista do *stalker* e do *ciberstalker*, sendo importante conhecer as suas motivações para perpetrarem estes comportamentos.

Ao nível dos estudos quantitativos seria pertinente a revisão de estudos sobre os diversos instrumentos usados, com vista a apoiar a decisão pelos investigadores no uso dos que revelem melhores características para a análise da prevalência dos fenómenos, diminuindo a variabilidade encontrada nas taxas de prevalência pelo uso de instrumentos diferentes. Tal exigiria múltiplos consensos, em termos conceptuais, na definição dos fenómenos e determinação das características associadas, até para consideração do *stalking* ou *ciberstalking* como fenómeno unitário (perseguição), que pode ou não ser mediado pelas TIC, mas que podem ser interpretados e sentidos como vitimação múltipla. Os estudos na área da vitimação múltipla têm vindo a alertar para o impacto acrescido da vitimação em vítimas que relatam formas diversas de experienciar a violência, ao longo da vida e em diversos contextos. Seria pertinente avaliar se a perseguição concretizada *online* com a simultaneidade de assédio também através das TIC, ao assegurar rapidez e, porventura, eficácia na concretização das práticas exibidos pelo *stalker*, não poderão contribuir para um impacto acrescido da vitimação.

A sistematização ora produzida exigiu constante operacionalização de critérios e tomadas de decisão que limitam a generalização de conclusões. Trata-se de um estudo teórico circunscrito a um dado período temporal, numa temática que tem sido muito estudada, possibilitando recentemente outras descobertas científicas. Muito embora a amostra de textos para análise tenha começado por ser demasiado extensa, após triagem poderíamos ainda recorrer a outros métodos (*snowballing*) para além da busca pelos motores de pesquisa automática. Importava ainda analisar outras questões que vão desde a definição de (*ciber*)*stalking* adotada em cada estudo, à forma como em cada investigação se sinaliza a vitimação, à admissão pelo alvo da vitimação e o impacto, a confrontação dos fenómenos ou à simultaneidade dos mesmos. Assim, desta revisão foi desenvolvido um estudo que avaliasse a coocorrência e os respetivos padrões de vitimação do *stalking* e do *ciberstalking* em estudantes

universitários (Pires, Sani, & Soeiro, no prelo), para responder a alguns dos aspetos supramencionados.

Por fim, destacamos a importância do desenvolvimento de mais estudos sobre ambos os fenómenos, a necessidade da prevenção com a realização de ações de sensibilização em universidades e na população em geral, bem como a promoção da formação técnica a profissionais (e.g., psicólogos, assistentes sociais, juristas, advogados, forças de segurança) que lidam com as vítimas com o objetivo de estes serem capazes de reconhecer, compreender e intervir em ambos os fenómenos de *stalking* e *ciberstalking*.

Conflito de interesses | Conflict of interest: Nenhum | None.

Fontes de financiamento | Funding sources: Nenhuma | None.

REFERÊNCIAS

- Alexy, E. M., Burgess, A. W., Baker, T., & Smoyak, S. A. (2005). Perceptions of cyberstalking among college students. *Brief Treatment and Crisis Intervention, 5*(3), 279–289. <https://doi.org/10.1093/brief-treatment/mhi020>
- Amar, A. F. (2006). College women's experience of stalking: Mental health symptoms and changes in routines. *Archives of Psychiatric Nursing, 20*(3), 108–116. <https://doi.org/10.1016/j.apnu.2005.10.003>
- Björklund, K., Häkkinen-Nyholm, H., Sheridan, L., & Roberts, K. (2010). The prevalence of stalking among Finnish students. *Journal of Interpersonal Violence, 25*(4), 684–698. <https://doi.org/10.1177/0886260509334405>
- Bocij, P. (2004). *Cyberstalking: Harassment in the internet age and how to protect your family*. USA: Praeger Publishers.
- Bocij, P., & McFarlane, L. (2003). Cyberstalking: The technology of hate. *The Police Journal, 76*(3), 204–221. <https://doi.org/10.1350/pojo.76.3.204.19442>
- Buhi, E. R., Clayton, H., & Surrency, H. H. (2009). Stalking victimization among college women and subsequent help-seeking behaviors. *Journal of American College Health, 57*(4), 419–426. <https://doi.org/10.3200/JACH.57.4.419-426>
- Cardoso, G., & Lapa, T. (2015). O estudo da internet e dos ecrãs na sociedade em rede [The study of the internet and screens in the network society]. In G. L. Miranda (Org.), *Psicologia dos comportamentos online* (pp. 25–50). Lisboa: Relógio D'Água.
- Carrasquinho, J. P. N. (2015). *Ciberstalking: Prevalência e estratégias de coping em estudantes universitários* [Cyberstalking: Prevalence and coping strategies in university students] (Unpublished Master's Dissertation). Universidade Fernando Pessoa, Portugal.
- Carvalho, C. S. S. (2011). *Ciberstalking: Prevalência na população universitária da Universidade do Minho* [Cyberstalking: Prevalence in the university population at University of Minho] (Unpublished Master's Dissertation). Universidade do Minho, Portugal.
- Cupach, W. R., & Spitzberg, B. H. (2004). *The dark side of relationship pursuit: From attraction to obsession and stalking*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Cupach, W. R., & Spitzberg, B. H. (2014). *The dark side of relationship pursuit: From attraction to obsession and stalking* (2nd ed.). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Curtis, L. (2012). *Virtual vs. reality: An examination of the nature of stalking and cyberstalking* (Unpublished Master's Dissertation). San Diego State University: USA.
- Ferreira, C., Matos, M., & Antunes, C. (2017). Pathways towards new criminalisation: The case of stalking in Portugal. *European Journal on Criminal Policy and Research, 24*(3), 335–344. <https://doi.org/10.1007/s10610-017-9346-1>
- Finn, J. (2004). A survey of online harassment at a university campus. *Journal of Interpersonal Violence, 19*(4), 468–483. <https://doi.org/10.1177/0886260503262083>
- Fisher, B. S. (2001). Being pursued and pursuing during the college years: Their extent, nature, and impact of stalking on college campuses. In J. A. Davis (Ed.), *Stalking crimes and victim protection: Prevention, intervention, threat assessment, and case management* (pp. 207–230). Florida: CRC Press.
- Fisher, B. S., Cullen, F. T., & Turner, M. G. (2002). Being pursued: Stalking victimization in a national study of college women. *Criminology & Public Policy, 1*(2), 257–308. <https://doi.org/10.1111/j.1745-9133.2002.tb00091.x>
- Geistman, J., Smith, B., Lambert, E. G., & Cluse-Tolar, T. (2013). What to do about stalking: A preliminary study of how stalking victims responded to stalking and their perceptions of the effectiveness of these actions. *Criminal Justice Studies, 26*(1), 43–66. <https://doi.org/10.1080/1478601X.2012.712534>
- Grangeia, H., & Matos, M. (2010). Stalking: Consensos e controvérsias [Stalking: Consensus and controversy]. In C. Machado (Ed.), *Novas formas de vitimação criminal* (pp. 121–166). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Grangeia, H., & Matos, M. (2018). Persistent harassment: Targets and perpetrators among young adults. *Victims & Offenders, 13*, 102–121. <https://doi.org/10.1080/15564886.2016.1268987>
- Heinrich, P. A. (2015). *Generation iStalk: An examination of the prior relationship between victims of stalking and offenders* (Unpublished Master's Dissertation). Marshall University: USA.
- Hensler-McGinnis, N. F. (2008). *Cyberstalking victimization: Impact and coping responses in a national university sample* (Unpublished Master's Dissertation). University of Maryland: USA.
- Instituto Nacional de Estatística. (2015). *Inquérito à utilização de tecnologias da informação e da comunicação pelas famílias* [Survey on the use of information and communication technologies by households]. Retrieved from <https://www.ine.pt/xportal>.
- Jaishankar, K., & Kosalai, P. (2007). Victims of stalking in India: A study of girl college students in Tirunelveli city. *Temida, 13*–21. <https://doi.org/10.2298/TEM0704013J>
- Jordan, C. E., Wilcox, P., & Pritchard, A. J. (2007). Stalking acknowledgement and reporting among college women experiencing intrusive behaviors: Implications for the emergence of a "classic stalking case". *Journal of Criminal Justice, 35*, 556–569. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2007.07.008>
- Jutras, S. E., Edwards, K., & Sylaska, K. (2013). *Correlates of help-seeking following stalking victimization: A study of college women* (Unpublished Master's Dissertation). University of New Hampshire: USA.
- Kennedy, M. A., & Taylor, M. A. (2010). Online harassment and victimization of college students. *Justice Policy Journal, 7*(1), 1–21.
- Lei n.º 83/2015 de 5 de agosto. Diário da República, n.º 151, 1ª Série de 5 de agosto de 2015. [Law no. 83/2015 August. 5. Republic Diary, no. 151, 1st Series of August 5, 2015]. Retrieved from <https://dre.pt/application/file/69951045>.
- Lindsay, M., & Krysik, J. (2012). Online harassment among college students. *Information, Communication & Society, 15*(5), 703–719. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2012.674959>

- Maran, D. A., Zedda, M., Varetto, A., & Munari, J. (2014). Stalking victimization among Italian university students. *Gender & Behaviour, 12*(1), 6070–6079.
- Matos, M., Grangeia H., Ferreira, C., & Azevedo, V. (2011). *Inquérito de vitimação por stalking – Relatório de investigação* [Victimization survey by stalking – Investigation report]. Braga: Grupo de Investigação sobre o Stalking em Portugal.
- McNamara, C. L., & Marsil, D. F. (2012). The prevalence of stalking among college students: The disparity between researcher and self-identification victimization. *Journal of American College Health, 60*(2), 168–174. <https://doi.org/10.1080/07448481.2011.584335>
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & The PRISMA Group. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: The PRISMA statement. *PLoS Medicine, 6*(6), e1000097. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed1000097>
- Mullen, P. E., Pathé, M., & Purcell, R. (2001). Stalking: New constructions of human behaviour. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry, 35*(1), 9–16. <https://doi.org/10.1046/j.1440-1614.2001.00849.x>
- Mullen, P., Pathé, M., Purcell, R., & Stuart, G. (1999). Study of stalkers. *American Journal of Psychiatry, 156*(8), 1244–1249.
- Owens, J. G. (2016). Why definitions matter: Stalking victimization in the United States. *Journal of Interpersonal Violence, 31*(12), 219–226. <https://doi.org/10.1177/0886260515573577>
- Pathé, M., Mullen, P. E., & Purcell, R. (2001). Management of victims of stalking. *Advances in Psychiatric Treatment, 7*(6), 399–406. <https://doi.org/10.1192/apt.7.6.399>
- Paullet, K. L., Rota, D. R., & Swan, T. T. (2009). Cyberstalking: An exploratory study of students at a Mid-Atlantic university. *Issues in Information Systems, 10*(2), 640–649.
- Pereira, F., Matos, M., Sheridan, L., & Scott, A. J. (2015). Perceptions and personal experiences of unwanted attention among Portuguese male students. *Psychology, Crime & Law, 398–411*. <https://doi.org/10.1080/1068316X.2014.989167>
- Pereira, F., Spitzberg, B. H., & Matos, M. (2016). Cyber-harassment victimization in Portugal: Prevalence, fear and help-seeking among adolescents. *Computers in Human Behavior, 62*, 136–146. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.03.039>
- Pires, S., Sani, A. I., & Soeiro, C. (in press). Stalking e cyberstalking: Coocorrência e padrões de vitimação em estudantes universitários [Stalking and cyberstalking: Co-occurrence and patterns of victimization in university students]. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*.
- Reyns, B. W. (2010). *Being pursued online: Extent and nature of cyberstalking victimization from a lifestyle/routine activities perspective* (Unpublished Master's Dissertation). University of Cincinnati: USA.
- Reyns, B. W., Henson, B., & Fisher, B. S. (2012). Stalking in the twilight zone: Extent of cyberstalking victimization and offending among college students. *Deviant Behavior, 33*(1), 1–25. <https://doi.org/10.1080/01639625.2010.538364>
- Sani, A., Carrasquinho, J., & Soeiro, C. (2018). Violências nas relações de intimidade em jovens e os comportamentos de stalking e cyberstalking [Violence in intimate relationships in young and behaviors of stalking and cyberstalking]. In M. Paulino & A. Alchieri (Eds.), *Desvio, crime e vitimologia* (pp. 71–85). Lisboa: Pactor.
- Sheridan, L. P., & Grant, T. (2007). Is cyberstalking different? *Psychology, Crime & Law, 13*(6), 627–640. <https://doi.org/10.1080/10683160701340528>
- Sheridan, L. P., Blaauw, E., & Davies, G. M. (2003). Stalking: Knowns and unknowns. *Trauma, Violence & Abuse, 4*, 148–162. <https://doi.org/10.1177/1524838002250766>
- Spitzberg, B. H., & Hoobler, G. (2002). Cyberstalking and the technologies of interpersonal terrorism. *New Media & Society, 4*(1), 67–88.
- Spitzberg, B., & Cupach, W. (2007). The state of art of stalking: Taking stock of the emerging literature. *Aggression and Violent Behavior, 12*, 64–86.
- Spitzberg, B. H. (2016). Acknowledgment of unwanted pursuit, threats, assault, and stalking in a college population. *Psychology of Violence, 7*(2), 265–275. <https://doi.org/10.1037/a0040205>
- Tjaden, P., & Thoennes, N. (1998). *Stalking in America: Findings from the national violence against women survey*. Washington, DC: National Institute of Justice and the Centers for Disease Control and Prevention. Retrieved from <https://stacks.cdc.gov/view/cdc/21857>
- US Attorney General. (1999). *Cyberstalking: A new challenge for law enforcement and industry – A report from the Attorney General to the Vice President*. Retrieved from <http://www.justice.gov/criminal/cybercrime/cyberstalking.htm>
- White, W. E., & Carmody, D. (2016). Preventing online victimization: College students' views on intervention and prevention. *Journal of Interpersonal Violence, 1–7*. <https://doi.org/10.1080/0886260515625501>
- Worsley, J. D., Wheatcroft, J. M., Short, E., & Corcoran, R. (2017). Victims' voices: Understanding the emotional impact of cyberstalking and individuals' coping responses. *Sage Open, 1–13*. <https://doi.org/10.1177/2158244017710292>
- Wright, M. F. (2018). Cyberstalking victimization, depression, and academic performance: The role of perceived social support from parents. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking, 21*(2), 110–116. <https://doi.org/10.1089/cyber.2016.0742>